

# MOLDURAS PARA O VAZIO: IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO EM *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*, 1964, E EM *A HORA DA ESTRELA*, 1977.<sup>1</sup>

Flávia Trocoli  
doutoranda IEL/UNICAMP/FAPESP

“A identidade me é proibida, eu sei.”<sup>2</sup>  
Clarice Lispector

## 1) *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.* OU DO EU COMO ILUSÃO PERDIDA

O encontro traumático com o outro caracteriza-se pelo que escapa ao arsenal de compreensão do sujeito e resiste à simbolização. Em *A paixão segundo G.H.* (doravante *PSGH*), tal evento ocorre antes mesmo da fusão indizível com a barata: quando G.H. entra no quarto de um vazio desconcertante e vê o desenho enigmático que circunscreve o branco da parede. Estes são os rastros da empregada que, mesmo ausente, faz com que G.H. se torne objeto de seu olhar.

O olhar/rastro da empregada emite, ao mesmo tempo, indiferença e de hostilidade: “[...], por negligência e desinteresse, eu não me deixara ter: a [sensação] do silencioso ódio daquela mulher. O que me surpreendia é que era uma espécie de ódio isento, o pior ódio: o indiferente. Não um ódio que me individualizasse mas apenas a falta de misericórdia. Não, nem ao menos ódio.”(*PSGH*, 40-41). Olhar indiferente que, segundo G.H., não lhe propicia uma forma individualizada mas a confronta com uma “nudez vazia”. Formulações que presentificam intensamente o objeto em sua ausência e que não tardam a me remeter à experiência traumática do sujeito melancólico como aquele que, “não tendo encontrado o olhar desejante do Outro, se viu reduzido ao que resta do Outro ausente, a saber: *o nada*.”<sup>3</sup> Desaparecimento do outro que

---

<sup>1</sup>Este ensaio foi parcialmente modificado a partir do 2º Relatório Científico apresentado à FAPESP (Processo nº 99/10171-8), agência fomentadora do meu doutoramento.

<sup>2</sup>LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.99. Doravante as citações de *A paixão segundo G.H.* virão entre parêntese no corpo do texto procedido da página da referida edição.

<sup>3</sup>LAMBOTTE, Marie-Claude. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997, p.241.(grifo da autora)

provoca um esvaziamento no eu. Gostaria de enfatizar que, ao reportar-me ao conceito psicanalítico de melancolia, não estarei atribuindo à personagem uma estrutura melancólica, mas sim localizando, na narrativa, uma conjuntura melancólica.

O trecho de Bernard Berenson, epígrafe de *PSGH*, sintetiza o percurso da protagonista e evoca a interpretação proposta acima: “Uma viagem plena pode ser aquela que alcança uma identificação tão completa com a não-identidade que não há nenhuma identidade para morrer”. “Não-identidade” emoldurada pelas duas letras, G.H., que revelam o apagamento dos predicados que preenchem a identidade-imaginária da narradora-protagonista: escultora, pertencente à classe média alta carioca, solteira, sem filhos, patroa.

E também, ao longo do relato, essa “não-identidade” é aludida através de várias metáforas para os espelhos sem reflexo tão dolorosos para o melancólico: a fotografia – “Só meus retratos é que fotografavam um abismo? um abismo. Um abismo de nada. Só essa coisa grande e vazia: um abismo.” (*PSGH*, 26); o quarto – “retrato de um estômago vazio” (*PSGH*, 42); o mural – contornando “uma nudez vazia” (*PSGH*, 39) A ponto da protagonista suspeitar que “jamais havia mudado de forma”. Sentindo o tempo eclipsar-se, desde sempre e para sempre o peso de um destino. Escreveu Starobinski: “Quando, de fora, a melancolia chama, minha casa não me protege e a porta se abre. Quando, em mim, a melancolia se encerra, as paredes se estreitam e as portas se fecham para sempre”.<sup>4</sup>

Mesmo privada do olhar acolhedor do outro, que lhe permitiria um conjunto de referências fictícias de si, G.H. inscreveu esta experiência de colapso do imaginário no campo simbólico, sob o traço do Outro que a nadificou. A recuperação da possibilidade de falar pode ser marcada pelo ato de vomitar a barata. Ainda que esta alteridade radical tenha sido assimilada em

---

<sup>4</sup>STAROBINSKI, Jean. La tinta de la melancolía. *Pasajos*. Espanha (8): 57-67, 1985, p.62. Tradução minha.

sua morte, vomitá-la permite certa recuperação dos limites que distinguem sujeito e objeto e, por conseguinte, possibilita a fala.

No entanto, não seria um contra-senso associar tão diretamente a experiência melancólica à uma atividade do dizer que percorre desde a primeira linha o relato de G.H.? Talvez não, diante de algo para sempre perdido, restaria a “alternativa da passividade do desespero ou da atividade da construção”<sup>5</sup>, G.H. optou pela segunda. Fez-se necessário, para não desvanecer integralmente, bordejar o vazio com significantes, evocar o sentido para sempre ausente.

A identidade-narrativa de G.H. seria aquela capaz de reconhecer: a dependência do eu em relação às representações que o objeto faz dele; o caráter ilusório da identidade-imaginária; o vazio constituinte e a elaboração desta experiência de desmoronamento e de esvaziamento. A identidade-narrativa reconhece a perda e, portanto, nela reside a melancolia. Em se tratando do texto de *PSGH*, diria que a identidade-narrativa atrela-se à possibilidade do sujeito simbolizar, produzir e articular sentidos, se descolar da identidade-imaginária, se deslocar. Já a identidade-imaginária de G.H. como patroa era marcada pela cegueira em relação à empregada, pois a identidade-imaginária responde de um lugar fixo, no caso, o da classe opressora. No presente da narrativa, G.H. fala a partir dos rastros da empregada. Em *PSGH*, o ponto de vista do pobre não permaneceu inexpresso.<sup>6</sup>

Em *L'abjection et les formes misérables*, Georges Bataille teoriza que a exclusão está fundada na proibição do contato. À classe opressora está assegurada a forma individual, aos oprimidos a massa amorfa e abjeta. O ato subversivo seria aquele capaz de abolir as regras que

---

<sup>5</sup>LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

<sup>6</sup>Cf. SCHWARZ, Roberto. A sorte dos pobres. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990, p. 104.

fundam a exclusão<sup>7</sup>. Isso posto e articulado a *PSGH*, eu diria que a primeira transgressão foi a de Janair, a empregada, ao se fazer visível através de rastros que quebraram as referências imaginárias de G.H., a saber: o oprimido vinculado ao escuro, ao entulho, ao sujo. Mas não nos animemos muito. Se Janair fez o ato subversivo ameaçando a posição e a identidade de G.H., ainda depende desta, da patroa, o reconhecimento do ato e seu registro. E de Bataille a Foucault, lembremos que este marcou certa vez que a possibilidade de registro da “vida dos homens infames” liga-se ao encontro com o poder. Nas palavras belíssimas de Foucault:

“Para que algo delas [das vidas obscuras, sem notoriedade, destinadas a não deixar rastros] chegasse até nós, foi porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam, e talvez devessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder: sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto.”<sup>8</sup>

Em *A hora da estrela* (doravante *HE*), o conflito é ainda mais radical, Macabéa ocuparia uma posição ainda mais infame, distinguindo-se de Janair por ser incapaz de produzir rastros. Dito de outra maneira, em nenhuma de suas relações e em nenhuma posição, Macabéa deixa indícios de uma auto-expressão que pudesse provocar um deslocamento no outro, quer pela ameaça ou pelo ódio. E, então, “o vazio vem no lugar desse *inter* que prefixa a subjetividade e que chamamos *intersubjetividade*”<sup>9</sup>. Quanto ao narrador, é este que se põe diante da sua sombra passiva de Macabéa e lhe reclama o “direito ao grito”.

A meu ver, o principal traço distintivo entre Macabéa e o narrador (poderia situar G.H. ao lado deste) estaria relacionado à impossibilidade de configuração de uma identidade-narrativa para Macabéa. Enquanto o principal traço identificatório entre eles seria a melancolia, no que esta

<sup>7</sup>BATAILLE, Georges. *Oeuvres complètes II*. Paris: Gallimard, 1970, pp. 217-221.

<sup>8</sup>FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *O que é um autor?* 4a. ed. Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2000, p.97.

<sup>9</sup>FÉDIDA, Pierre. O vazio da metáfora e o tempo do intervalo. *Depressão*. Tradução: Marta Gambini. São Paulo: Escuta, 1999, p.99.

convoca o vazio, a impotência, o mortífero.

## **2) A HORA DA ESTRELA À LUZ DE A PAIXÃO SEGUNDO G.H.: COMPASSOS E DESCOMPASSOS DA MELANCOLIA.**

Ao analisar *Perto do coração selvagem*, Schwarz marcou com agudeza a contaminação das personagens pelo ponto de vista do narrador<sup>10</sup>. Problema do qual a própria Clarice parece ter se dado conta e feito migrar para dentro das narrativas, a meu ver, com ênfase para *PSGH* e para *HE*.

Dito isso, indago: o narrador de *HE*, que reconhecido e se reconhecendo portador de uma palavra que lhe assegura uma identidade-narrativa, não aniquilaria a diferença do outro, esta que consiste, na privação da possibilidade de tomada de uma posição subjetiva e de autoria da própria vida? Pois falar do outro é de certa forma preencher o vazio que Macabéa é (“El vacío del personaje, el vacío que ella simboliza por su inexistencia social, nadifica temas y situaciones”<sup>11</sup>). Engendrando-se daí uma nova tensão entre representatibilidade e irrepresentatibilidade, pois o rosto da personagem não é mera projeção do rosto do narrador, ainda que se assemelhem num vazio melancólico.

Penso que a tensão relacionada à representação intensifica-se de *PSGH* a *HE* pelas seguintes razões: pela impossibilidade de Macabéa produzir rastros; pelo fato do narrador ter que dizer de uma experiência de vazio que apesar de lhe concernir também concerne a um radicalmente outro impossibilitado de simbolizá-la e pela presença da morte, esta que é, por excelência, o irrepresentável.

<sup>10</sup>Cf. SCHWARZ, R. *Perto do coração selvagem. A sereia e o desconfiado*. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

<sup>11</sup>AREAS, Vilma. Un poco de sangre (Observaciones sobre A hora da estrela de Clarice Lispector). *Escritura*. Caracas: julio-diciembre, 1989, p.410

## 2.1) A DIVISÃO ENCENADA: CIFRANDO A MORTE.

Benedito Nunes chamou “Jogo da identidade” o capítulo dedicado a *HE* e estabeleceu uma identidade completa entre Clarice Lispector, Rodrigo S.M. e Macabéa: “O narrador de *A hora da estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa.”<sup>12</sup> Postulação do idêntico que poderia ser contestada por uma afirmação do próprio crítico, que evidencia a máscara ficcional: “A escritora [também ela *persona*] se inventa ao inventar a personagem. Em sua *escritura errante*, autodilacerada, repercute secretamente e em permanência a pergunta – *Eu que narro, quem sou?*”<sup>13</sup>

Matizar a “o idêntico” e ressaltar a máscara ficcional pode ser uma maneira de penetrar em questões fulcrais para a narrativa de 77: a questão da identidade como minada e dependente do outro (ou de sua ausência e da nadificação que instauraria); e a questão da escrita da vida como inscrição inevitável da morte. Primeiramente, não falaria em identidade, mas em traços identificatórios, visto que falar em traços identificatórios resguarda a diferença. O primeiro traço certamente é a morte e o segundo é a dificuldade de reconhecimento de uma identidade.

Começemos pelo segundo traço identificatório. A dificuldade de sustentação de um sentimento de identidade pode ser lida, privilegiadamente, em dois momentos da narrativa. No primeiro momento, depois de ter sido despedida, Macabéa corre para o banheiro do escritório e se põe diante de um espelho. E no lugar de nos descrever a imagem corporal refletida no espelho, o narrador nos dá a impressão da própria Macabéa: “Pareceu-lhe que o espelho baço não refletia imagem alguma.”<sup>14</sup> No segundo momento, S.M. acena-lhe com outro espelho, o romance *Humilhados e ofendidos* de Dostoievski, em que ela poderia se reconhecer, diz Berta Waldman:

<sup>12</sup>NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989, p.169.

<sup>13</sup>*Ibidem*, p.169(grifos do autor)

<sup>14</sup>LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.25. Doravante as citações de *A hora da estrela* virão entre parêntese no corpo do texto procedido da página da referida edição.

“Todavia, [o narrador] coloca-o fora de seu alcance, pois ele pertence ao patrão, ficando a personagem perdida, à mercê do vazio da imagem no espelho, [...]”<sup>15</sup>

Os espelhos de Macabéa permanecem vazios e os de Rodrigo S.M. estão ameaçados de não refletirem nada, caso não haja uma auto-representação através das personagens: “Nestes últimos três dias, sozinho, sem personagens, despersonalizo-me e tiro-me de mim como quem tira uma roupa.” (HE, 70)

Se G.H. passa por uma “morte vivificadora”, diria que à Macabéa cabe mesmo uma morte mortificadora. Macabéa não é só a terrível impossibilidade de elaboração e de mudança de posição subjetiva, ela é o ser contaminado pelo não-ser. No nome próprio, Macabéa, a evocação da morte. Nome que foi dado por uma promessa que a mãe fizera a Nossa Senhora da Boa Morte caso a filha, que nascera quase morta, vingasse. Lembremos que *macchabée*<sup>16</sup>, em francês, significa cadáver. Além da semelhança sonora entre “Macabéa” e macabra.

Dito isso, interpretaria que a impossibilidade do eu (no caso, Clarice Lispector) ou da primeira pessoa do singular viver sua própria morte engendra a possibilidade de uma terceira pessoa ficcional que morre: Macabéa; no entanto essa terceira pessoa não pode elaborar nem sua morte nem qualquer outra experiência. Desta impossibilidade outra cisão: o narrador. Cisões que são possibilidades por excelência da ficção: “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto.” (HE, 20) Divisões subjetivas ficcionais, mas que concernem a qualquer sujeito que fala e “se conta”. Visto que ao “se contar” já se é outro<sup>17</sup>.

Ou seja, somente para o instante da morte do eu, e esta não mais como iminência diferida,

<sup>15</sup>WALDMAN, B. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*. A narração do indizível. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p.101.

<sup>16</sup>DANTAS, Luiz. Comunicação pessoal, 1998.

<sup>17</sup>Cf. PORGE, Erik. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico em Lacan*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994, p.8.

está reservada a concidência absoluta do “eu sou eu”. Por enquanto, o si-mesmo é um outro. Divisão tão bem encenada através das máscaras ficcionais de *A hora da estrela*.

### 3) CONSIDERAÇÕES, POR ORA, FINAIS SOBRE UMA NOMEAÇÃO IMPOSSÍVEL

G.H. pôde distinguir a “impotência que desespera da impossibilidade que liberta”<sup>18</sup>, impossibilidade que diz de uma verdade impossível, mas que se cifra e se decifra no texto mais enxuto e coeso de Clarice Lispector: *A paixão segundo G.H.* Rodrigo S.M., narrador de *HE*, se enclausura na impotência desesperada de Macabéa e da palavra que a evoca, provocando uma “série de esgotamentos inesgotáveis”<sup>19</sup> no texto mais contraditório, mais fragmentado (de uma fragmentação diferente das associações livres de *Água viva*, por exemplo) e mais desesperador de Clarice Lispector: *A hora da estrela*.

Impotência (fundante em *HE*) e impossibilidade (reveladora em *PSGH*) não seriam as duas dimensões em que se inscrevem e se distinguem as narrativas de *PSGH* e de *HE*? Sendo que em *HE*, as duas dimensões coabitam e ganham proporções mais acentuadas. A partir da iconografia melancólica, Lambotte tematiza o desespero melancólico face aos limites do pensamento: “A Melancolia brinca com um compasso tornado fundamentalmente inútil e seu olhar se perde nos confins da impotência”<sup>20</sup>

Sim, em *PSGH*, a protagonista também esbarra nos limites do pensamento e no vazio constituinte, instauradores de um não-saber implacável. Não-saber que, no entanto, ganha uma dimensão de revelação e ultrapassamento libertador (é como se a perda melancólica de G.H.

---

<sup>18</sup>Cf. JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão técnica: Marcos Comaru. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.173.

<sup>19</sup>Esta é a expressão de que Deleuze se vale para sintetizar o mecanismo que define a aporia nos textos de Samuel Beckett. In: *L'épuise*. Paris: Minuit, 1992, p.69.

<sup>20</sup>LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000, p.51.



fosse apaziguada pela possibilidade de dizê-la): “A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro. -----” (PSGH, 179) Rodrigo S.M. não adora, se exaspera. E, no lugar do compasso inútil para a medição e o cálculo, tem em sua mão a pena impotente, mas não pode ceder ao silêncio, ao branco da folha. Existem cacos e restos clamando por uma forma, não por um sentido, este definitivamente não há. A literatura não pagará a dívida, a circunscreverá.

#### 4) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AREAS, V. Un poco de sangre (Observaciones sobre A hora da estrela de Clarice Lispector). *Escritura*. Caracas: julio-diciembre, 1989.
- BATAILLE, Georges. *Oeuvres complètes II*. Paris: Gallimard, 1970.
- DELEUZE, G. *L'épuise*. Paris: Minuit, 1992.
- FÉDIDA, Pierre. O vazio da metáfora e o tempo do intervalo. *Depressão*. Tradução: Marta Gambini. São Paulo: Escuta, 1999.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *O que é um autor?* 4a. ed. Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2000.
- JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão técnica: Marcos Comaru. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LAMBOTTE, M-C. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997. *Estética da melancolia*. Tradução: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* (1964) Rio de Janeiro: Rocco, 1998. *A hora da estrela*. (1977) Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- PORGE, Erik. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico em Lacan*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- SCHWARZ, R. Perto do coração selvagem. *A sereia e o desconfiado*. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. *A sorte dos pobres. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- STAROBINSKI, Jean. La tinta de la melancolía. *Pasajos*. Espanha (8): 57-67, 1985.
- WALDMAN, B. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*. *A narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.